

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2



Atena
Editora
Ano 2019

Bianca Camargo Martins

(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 2

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78 O essencial da arquitetura e urbanismo 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP):
Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo;
v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-266-1
DOI 10.22533/at.ed.661191704

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins,
Bianca Camargo. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos dias de hoje, é muito discutido o papel social da Arquitetura e do Urbanismo. Por muitos anos, o papel social foi interpretado apenas como a arquitetura específica para as camadas populacionais de menor renda, sem acesso ao mercado formal de moradias – e de arquitetura. Porém, com a crise urbana em que vivemos atualmente, onde grandes parcelas da população não tem acesso às “benesses” do espaço urbano, essa discussão voltou à tona.

Muito mais do que levar a arquitetura para os mais necessitados, devemos reinventar nossa prática profissional para sermos os agentes transformadores da sociedade atual e enfrentarmos os desafios, sociais, políticos e econômicos que estamos vivenciando diariamente em nossas cidades.

Esta edição de “O Essencial de Arquitetura e Urbanismo 2” apresenta experiências das mais diversas áreas da arquitetura e urbanismo, como: arquitetura, ensino, conforto ambiental, paisagismo, preservação do patrimônio cultural, planejamento urbano e tecnologia. Assim, busca trazer ao leitor novos conceitos e novas reflexões para a prática da arquitetura e do urbanismo.

Neste contexto, é abordada desde as metodologias pedagógicas ativas a serem utilizadas no ambiente escolar até a compatibilização de projetos com o uso da Metodologia BIM (Building Information Modeling). A acessibilidade é abordada a partir de diversas perspectivas: desde um edifício isolado até a acessibilidade de uma cidade, evidenciando a importância da discussão nos dias de hoje. Cabe destacar também os estudos de análise de edificações culturais e de cenografia de exposições e performances. A relação da cidade com o seu patrimônio cultural é tratada em diversos capítulos, desde a gestão patrimonial até a utilização de cemitérios como espaços de memória – uma iniciativa prática que demonstra que a arquitetura, assim como a cultura, está em todos os lugares. Dou ênfase também à importância dada ao patrimônio imaterial, tema de extrema relevância e que é, muitas vezes, desvalorizado pelo poder público.

A discussão sobre a dinâmica dos espaços urbanos é extensa e deveras frutífera. Nesta edição, os capítulos focam na importância da arborização urbana para o bem estar da população, na participação popular nas discussões sobre a cidade, na problemática da existência de vazios urbanos em áreas urbanas consolidadas, nas estratégias de *city marketing*, na cidade global e demais temas que comprovam a multiplicidade de questões e formas de análise que envolvem a discussão sobre a vida urbana.

Por fim, são apresentados estudos sobre novas tecnologias e materiais voltados ao desenvolvimento sustentável, especialmente no tocante à gestão de resíduos da construção civil e à mitigação de riscos e desastres.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTRIBUIÇÕES DOS ANAIS PARA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARQUITETURA E URBANISMO	
Sofia Pessoa Lira Souza Augusto Aragão Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.6611917041	
CAPÍTULO 2	13
INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E AS METODOLOGIAS PEDAGÓGICAS ATIVAS NA ESCOLA DO SÉCULO XXI	
Roberta Betania Ferreira Squaiella Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.6611917042	
CAPÍTULO 3	29
PROJETO DO FÓRUM ELEITORAL DE AFUÁ, O LUGAR SOB O PONTO DE VISTA DOS USUÁRIOS	
Angelo Pio Passos Neto Ana Klaudia de Almeida Viana Perdigão	
DOI 10.22533/at.ed.6611917043	
CAPÍTULO 4	44
PROCESSO DE PROJETO CENTRADO NO USUÁRIO: PENSANDO A ACESSIBILIDADE	
Vanessa Goulart Dorneles Isabela Fernandes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.6611917044	
CAPÍTULO 5	61
ACESSIBILIDADE NA RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO	
Lília Caroline de Moraes Cecília de Amorim Pereira Eduardo Raimundo Dias Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.6611917045	
CAPÍTULO 6	71
WRIGHT E SIZA: DOIS MUSEUS E O VISITANTE	
Andrya Campos Kohlmann Douglas Vieira de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.6611917046	
CAPÍTULO 7	93
ENTRE O SÍMBOLO DO FASCIO - O PAVILHÃO FASCISTA EM SÃO PAULO	
Gustavo de Almeida Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.6611917047	

CAPÍTULO 8	106
A POESIA CÊNICA DE FLÁVIO IMPÉRIO: BREVE ANÁLISE DA CENOGRAFIA DE 'ROSA DOS VENTOS', DE MARIA BETHÂNIA (1971)	
Carlos Eduardo Ribeiro Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6611917048	
CAPÍTULO 9	122
CURADORIA COLETIVA E MEDIAÇÃO CULTURAL NA ELABORAÇÃO DA EXPOSIÇÃO: "DO ECLETISMO AO CONTEMPORÂNEO"	
Alexandre Sônego Carvalho	
Ana A. Villanueva Rodrigues	
Geise Brizotti Pasquotto	
Jéssica Priscila Grando	
DOI 10.22533/at.ed.6611917049	
CAPÍTULO 10	131
INDICADORES DE SUSTENTABILIDADE NA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DE ECOVILAS: O CASO BEDZED	
Emiliana Rodrigues Costa	
Alexandre Pajeú Moura	
DOI 10.22533/at.ed.66119170410	
CAPÍTULO 11	145
WAYFINDING: FERRAMENTA DE PROJETOS NA GESTÃO HOSPITALAR	
Guilherme Gattás Bara	
José Gustavo Francis Abdalla	
Márcia Moreira Rangel	
DOI 10.22533/at.ed.66119170411	
CAPÍTULO 12	152
TRANSFORMATIONS TO THE CLOISTERS AND THRESHOLD OF PAVILIONS IN HOSPITALS OF MEXICO	
María Lilia González Servín	
DOI 10.22533/at.ed.66119170412	
CAPÍTULO 13	160
CONJUNTO ESCOLA PARQUE: PATRIMÔNIO MATERIAL DA BAHIA E REFERÊNCIA PARA CONJUNTOS ESCOLARES NO BRASIL	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.66119170413	
CAPÍTULO 14	177
NOTAS PARA O ESTUDO DE CAPELAS DO CICLO DO OURO EM MINAS GERAIS	
Elio Moroni Filho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170414	
CAPÍTULO 15	198
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO EM COLATINA E SUA TRAJETÓRIA	
Alexandre Valbuza Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170415	

CAPÍTULO 16	214
ESTUDO DAS ARGAMASSAS ANTIGAS DA IGREJA DE N. S ^a DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS EM SÃO CRISTÓVÃO SE/BR	
Eder D. da Silva Adriana D. Nogueira Taina G. dos Santos Gabriela de M. Rabelo Maisa da R. Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.66119170416	
CAPÍTULO 17	229
A INSERÇÃO DOS CEMITÉRIOS NA HISTÓRIA DA CIDADE DE BELÉM NO SÉCULO XIX	
Amanda Roberta de Castro Botelho	
DOI 10.22533/at.ed.66119170417	
CAPÍTULO 18	245
ITINERÁRIOS DA MEMÓRIA: O CEMITÉRIO COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	
Marcelina Das Graças De Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.66119170418	
CAPÍTULO 19	257
AS TESSITURAS DA MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DO ESPAÇO: HISTÓRIA ORAL E PATRIMÔNIO NA PEDREIRA PRADO LOPES	
Alexandra Nascimento Alex César de Oliveira Fonseca Ingrid Nayara Brito Jhonatan Ribeiro Santos Letícia Ferreira D'Angelo Martin Nicolas Rodriguez Stenia Carvalho Pessoa Talita Freitas de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66119170419	
CAPÍTULO 20	272
O CRESCIMENTO DAS AÇÕES DE PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL	
Monique Avelino Damaso	
DOI 10.22533/at.ed.66119170420	
CAPÍTULO 21	284
FESTA DE SANTA CRUZ EM OURO PRETOA TRADIÇÃO CULTURAL COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO PELA COMUNIDADE	
Letícia Campos Figueiras Fabiana Mendes Tavares Jacques	
DOI 10.22533/at.ed.66119170421	
CAPÍTULO 22	300
MEMÓRIA OU NOSTALGIA? AS RELAÇÕES CIDADE-EMPRESA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX: UM ESTUDO DE CASO DA SIDERURGIA EM MINAS GERAIS	
Ronaldo André Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170422	

CAPÍTULO 23	315
UMA RUA DE MUITOS LUGARES - ROTEIRO PELO CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ	
Lúcia de Fátima Lobato Ferreira	
Francisco de Assis Pereira de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.66119170423	
CAPÍTULO 24	326
GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: DIAGNÓSTICO DA ATUAÇÃO DO ESTADO EM SÍTIO TOMBADO	
João Gustavo Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66119170424	
CAPÍTULO 25	351
CONSELHO DE PATRIMÔNIO CULTURAL COMO AGENTE DA CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO E DA MEMÓRIA SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO CMPC EM PIEDADE DO RIO GRANDE-MG	
Jucilaine Neves Sousa Wivaldo	
Gilson Camilo de Sousa Neto	
João Batista de Sousa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.66119170425	
SOBRE A ORGANIZADORA	363

UMA RUA DE MUITOS LUGARES - ROTEIRO PELO CENTRO HISTÓRICO DE CUIABÁ

Lúcia de Fátima Lobato Ferreira

Secretaria Executiva de Educação do Estado do
Pará
Belém – PA

Francisco de Assis Pereira de Araújo

FAIPE. Faculdade de Tecnologia do Ipê Avenida
das Flores,
Cuiabá-MT

RESUMO: Uma rua de muitos lugares corresponde a uma ação de educação patrimonial direcionada à elaboração de uma proposta de roteiro de visita que foi trabalhada pelo Iphan/MT no Centro Histórico de Cuiabá. A proposta do roteiro originou-se das observações feitas durante algumas visitas de grupos de estudantes da educação básica e do ensino superior pelo Centro Histórico de Cuiabá. A partir destas observações constatou-se a falta de uma sistemática na forma de trabalhar os conteúdos durante a visita, pois, os lugares visitados eram trabalhados de forma isolada não havendo a associação entre as informações e sua relação com a dinâmica da cidade. A segunda observação relaciona-se à ausência de material de apoio como suporte para apresentação dos locais visitados, bem como, para a realização de consultas. Por fim, identificou-se a inexistência de clareza sobre o propósito da atividade de visita. A realização

do roteiro vislumbrou aproximar os participantes, os habitantes da cidade do Centro Histórico de Cuiabá e trabalhar a associação dos aspectos históricos, culturais e simbólicos dos locais visitados. Dessa forma, a visita ao Centro Histórico vai além da simples visualização de locais, volta-se para o florescimento, para a apreciação, o aguçar do olhar, descortinar os detalhes do lugar, do patrimônio ali contido, e assim, propiciar a ampliação da visão para além do objeto em si, direcionando para a perspectiva mais ampla em relação à sua valorização, conservação e preservação.

PALAVRAS-CHAVE: Centro Histórico; Cuiabá; Educação Patrimonial.

ABSTRACT: A street of many places corresponds to an action of heritage education directed to the elaboration of a proposal of route of visitation that was worked by Iphan / MT in the Historic Center of Cuiabá. The proposal of the script originated from the observations made during some visits by groups of students of basic education and higher education in the Historic Center of Cuiabá. From these observations, the lack of a systematic way of working the contents during the visitation was verified, since the places visited were worked in isolation, with no association between the information and its relation with the city dynamics. The second observation relates to the absence

of support material as a support for the presentation of the visited sites, as well as for consultations. Finally, it was identified the lack of clarity about the purpose of the visitation activity. The realization of the script envisioned to approach the participants, the inhabitants of the city of the Historical Center of Cuiabá and to work the association of the historical, cultural and symbolic aspects of the visited places. In this way, the visit to the Historic Center goes beyond the simple visualization of places, turns to the flowering, to the appreciation, the sharpness of the look, to unveil the details of the place, of the patrimony contained therein, and, thus, to propitiate the expansion of the vision in addition to the object itself, leading to the broader perspective in relation to its conservation and preservation.

KEYWORDS: Historic Center; Cuiabá; Patrimonial Education.

1 | INTRODUÇÃO

“Uma rua de muitos lugares” é o primeiro produto apresentado e corresponde a uma ação de educação patrimonial direcionada inicialmente à elaboração de uma proposta de roteiro de visitação trabalhada pelo Iphan/MT no Centro Histórico de Cuiabá

Durante as experiências vivenciadas na superintendência, buscou-se, preliminarmente, perceber as necessidades da institui o, assim como, alguns dos anseios da comunidade em rela o   superintendência. Em rela o a essas necessidades percebeu-se que a visita o ao Centro Histórico   uma atividade frequentemente solicitada, seja por institui es públicas ou privadas e pela sociedade civil.

A partir da identifica o dessa atividade solicitada desenvolvemos interesse em participar de visita es realizadas ao Centro Histórico de Cuiabá, tanto aquelas promovidas pela superintendência como por outras institui es como uma forma de analisar as dinâmicas utilizadas durante essas visita es.

Nesse processo de participa o das visita es foram feitas algumas observa es, as quais contribuir am para a realiza o de algumas reflexões e, para o amadurecimento da elabora o da proposta de roteiro aqui apresentada. Dentre as observa es feitas, alguns aspectos envolvem questões de metodologia e de conteúdo.

A primeira observa o refere-se   ausência de uma sistemática na forma de trabalhar os conteúdos durante a visita o, pois, os lugares visitados são trabalhados de forma isolada não havendo a associa o entre as informa es e sua rela o com a dinâmica da cidade. As escolhas dos locais reafirmam a visão de patrimônio como monumento, pois os lugares visitados são os que pertenciam às famílias ilustres.

Choay (2006), diz que o monumento histórico possui sua fase de consagra o a partir do ano de 1820 tendo o seu término ocorrido na década dos anos de 1960. Ao longo desse período esse conceito vai predominar no embasamento das principais práticas e discussões no campo do patrimônio cultural, tendo nele o

seu auge. Contudo, isso não quer dizer que a partir da década de 1960 a adoção dessa perspectiva se extingue. Ela deixa de ser predominante, de modo que outras perspectivas e, por consequência, outros tipos de bens passem a serem observados pela ação preservacionista (CHOAY, 2006, p. 125). Segundo a autora, este período envolveu um conjunto de fatos, acontecimentos e diferenças nas posições em defesa dos monumentos históricos.

Alguns aspectos contribuíram no predomínio da perspectiva monumentalista durante esse período de tempo, como por exemplo, a unidade soberana que através do seu poder impunha o reconhecimento juntamente com as ideias de coerência e estabilidade, e o status adquirido com a era industrial, a qual indicava determinações novas e essenciais, as quais, ocasionavam uma “hierarquia de valores” (CHOAY, 2006, p. 126). No caso específico de Cuiabá, os resquícios dessa racionalidade estavam presentes na década de 1980 e 1990, como pode ser observado na documentação relativa aos pedidos de impugnação ao tombamento.

Segundo a autora, inicialmente as reflexões anteriores sobre o valor de patrimônio encontravam-se diretamente associado ao valor econômico, ligado à noção de propriedade, de herança. As ações iniciais de tombamento do patrimônio expressas nos primeiros atos jurídicos da Constituinte no ano de 1789 indicavam a dispor os bens do clero para a nação. Neste processo, o valor atribuído aos bens se encontrava diretamente associado ao nacionalismo.

No entanto, ainda segundo ela, a integração das antiguidades nacionais com o “discurso da nacionalização” ocasionou por relacionar-se em valores de troca, sendo que o discurso de sua manutenção acolhia intenções de se evitar “prejuízos financeiros”, ultrapassando, desta forma, a intenção de uma conservação iconográfica, da representação e aproximando-se de fins políticos.

A expressão “poder mágico” (CHOAY, 2008, p. 98), é utilizada pela autora para expressar que esta noção desenvolvida nesse contexto, abarcava toda uma representatividade que contemplava várias categorias representadas em diferentes contextos históricos. Uma constituição de um mosaico de representações patrimoniais que transcendiam as barreiras do tempo e do “gosto”.

Ainda sobre esse processo de valoração, as obras consideradas recentes no século XVIII adquirem os significados históricos afetivo das antiguidades nacionais. O conceito de patrimônio, ainda segundo a autora “induz então a uma homogeneização do sentido dos valores” (CHOAY, 2011:99). A autora ainda destaca que esta perspectiva de homogeneidade se apresentou de forma diferenciada em diferentes momentos. No período da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, houve a valorização de estilos diferentes representados pela arquitetura dos séculos XIX e XX, quando estes foram considerados monumentos históricos.

A segunda observação relaciona-se à ausência de material de apoio como suporte para apresentação dos locais visitados e, bem como, para a realização de consultas. Por fim, identificou-se a ausência de clareza sobre o propósito da atividade

de visitação, o que consideramos que tal fato contribui na limita o da reflexão sobre a importância do Centro Histórico de Cuiabá ser visto como um bem cultural.

A partir das observa es realizadas e de alguns questionamentos feitos para as pessoas responsáveis pelas visita es, pode-se afirmar que o roteiro pode ser considerado como a primeira proposta de visita o sistematizada no Centro Histórico de Cuiabá.

O roteiro foi utilizado durante os anos de 2014 até 2016 pela Superintendência do IPHAN/MT e esta proposta inicial, vem inspirado na elabora o de novas propostas de visita o pelo Centro Histórico, como também, pela área de entorno.

O público atingiu um público bastante diverso. Foram atendidos alunos de universidades públicas e particulares dos cursos de Arquitetura e História, alunos da modalidade Educa o de Jovens e Adultos, estudantes do ensino fundamental, alunos do Instituto Federal de Educa o, Ciência e Tecnologia (IFMT) e durante algumas visita es, contamos com a presença de moradores de rua, os quais demonstraram interesse em saber um pouco mais sobre o lugar onde moravam.



Figura 1: Roteiro ‘Uma rua de muitos lugares’. Alunos do Colégio O Centro de educa o de jovens e adultos Ant nio Casagrande do município de Tangará da Serra

Fonte: acervo pessoal.

Compreende-se que uma proposta que envolva a educa o patrimonial, que trabalhe com o patrimônio cultural deve voltar-se para uma perspectiva que contemple os mais diversos tipos de público, no intuito de democratizar o acesso aos bens culturais, como também, realizar uma proposta de trabalho voltada para a interpreta o, no sentido da fruic o, para a contempla o de uma proposta de educa o patrimonial com fins de preserva o.

Ressalta-se que a atividade aqui proposta vislumbrou inicialmente promover uma

ação de Educação Patrimonial que aproxime os participantes do Centro Histórico de Cuiabá, e a partir da construção desse primeiro elo de aproximação, buscou-se associar os aspectos históricos, culturais e simbólicos dos locais visitados, desenvolvendo, dessa forma, uma ação que envolva a valorização e proteção do patrimônio local.

Em relação ao processo de proteção, para Londres, “é necessário que a ação de “proteger” seja precedida pelas ações de “identificar” e “documentar” - bases para a seleção do que deve ser protegido -, seguidas pelas ações de “promover” e, que viabilizam a reapropriação simbólica”. (LONDRES, 2003.p. 65).

Dessa forma, a visitação ao Centro Histórico vai além da simples visualização de locais, volta-se para o florescimento, para a apreciação, o aguçar do olhar, descortinar os detalhes do lugar, do patrimônio ali contido, e assim, propiciar a ampliação da visão para além do objeto em si, direcionando para a perspectiva mais ampla em relação à sua valorização, conservação e preservação. Para Miranda, “A interpretação do patrimônio é a arte de revelar *in situ* o significado do legado natural, cultural ou histórico, ao público que visita esses lugares (...)”. (LONDRES, 2003, p. 65)

Comunga-se da ideia que o lugar se torna realidade, a partir da nossa familiaridade com o espaço, não necessitando, entretanto, ater-se a uma definição fixa. Sendo que esse processo de familiarização se constrói de formas diferenciadas.

Massey (2000), no artigo “Um sentido global de lugar”, cita um exemplo dessa construção de relações com o lugar relatando sua experiência de residir em Kilburn High Road. Relata algumas impressões sobre o lugar:

[...] Primeiramente, embora Kilburn possa ter uma característica própria, não se trata absolutamente de uma identidade coesa, coerente de um sentido particular do lugar, partilhado por todos. Nada poderia ser mais diferente disso. O itinerário das pessoas pelo lugar, seus refúgios e as conexões que realizam (fisicamente, pelo telefone, pelo correio ou na memória e na imaginação) entre esse lugar e o resto do mundo variam muito. Se se reconhece que as pessoas têm identidades múltiplas, pode-se dizer a mesma coisa dos lugares. Ademais, essas identidades múltiplas podem ser uma fonte de riqueza ou de conflito, ou ambas. (MASSEY, 2000:183).

Nesse exemplo percebe-se que a autora quer demonstrar a visão equivocada entre a identificação dos termos lugar com “comunidade”, pois é possível existir comunidades sem necessariamente compartilharem do mesmo lugar, mas através do compartilhamento das referências culturais que o lugar possui. Ainda segundo a autora, “o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular” (MASSEY, 2000, P. 185).

Além dessas reflexões a autora discorre sobre a raridade da existência de “comunidades” e questiona sobre essa singularidade, pois mesmo que a comunidade se relacione a uma representatividade dita homogênea, elas possuem “estrutura

interna”, pois as formas de se relacionar com o espaço, os seus elos representativos sobre os lugares, as conexões construídas são diferenciadas.

[...] Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local. (MASSEY, 2000, p.184).

Segundo a autora o lugar é compreendido não somente pelas suas delimitações territoriais, ele não se encontra comprimido nas demarcações fronteiriças, o que lhe garante sua existência não são suas delimitações precisas, mas o processo construído das singularidades de relações sociais e simbólicas. Dessa forma pode-se comungar da ideia de que o sentido do lugar passa por constantes conexões sociais, sua especificidade não se origina de uma unicidade ou modelo fechado de representações, mas deriva das inter-relações sociais cotidianas. Sendo que tais relações devem ser consideradas nos campos globais e locais, nos fluxos internos e externos.

A globalização proporciona por um lado a disjunção entre o local e o global, causando a necessidade de se buscar as particularidades do local na crença de sua homogeneidade contida na comunidade, recaindo na interpretação de se entender a comunidade constituída de homogeneidade, buscando ressaltar suas características verdadeiras. E também, segundo Massey (2000:184), a globalização das relações sociais pode ser considerada como uma “fonte de reprodução” da singularidade por propiciar diferentes formas de relações geográficas. A formação de grupos diversos que são gerados da globalização das relações sociais isso garante a dinâmica do processo de construção de valores.

Ainda conforme a autora a singularidade do lugar não se encontra na sua existência em si, é construída a partir das diferentes relações sociais e, conseqüentemente, geográficas que se faz com esse lugar, envolvendo as comunidades locais, entendidas aqui como diversas (MASSEY, 2000:184).

Entende-se que a forma como as pessoas usam e interagem nos lugares é um caráter muito forte e difícil de conhecer, perceber e trabalhar com ele. Este capítulo busca compreender o valor atribuído ao Centro Histórico, tendo em vista as políticas públicas culturais de preservação e os agentes sociais que ali compartilharam este espaço.

Além dessa análise, envolvendo a apropriação do patrimônio, é interessante analisar a sua “prática social”, expressão cunhada por Arantes, que expõe como essa dimensão dada ao patrimônio envolve um processo de interpretação da cultura como produção material e simbólica. (ARANTES, 1989, p.2-16).

Em Vianna os símbolos compõem a cultura, sendo que tais símbolos não estão

isolados, pois fazem parte de uma estrutura ampla, que se constrói e reconstrói a partir de movimentos internos e externos seja proveniente do esquecimento ou da apropriação de novas simbologias. Assim, memória e esquecimento antes de serem expressões antagônicas, vêm se mostrando mais próximas, até mesmo, complementares nessa dinamicidade histórica. (VIANNA, Hermano, 2005, p.302-315).

Considera-se que a apropriação e a interpretação do patrimônio, assim como a sua produção, se desenvolvam também na cotidianidade. Para Geertz, a compreensão feita sobre o aspecto público da cultura encontra-se no fato das ações sociais realizadas no cotidiano se desenvolverem naturalmente nas relações sociais, na construção do conhecimento empírico. Este sentido do público possibilita o entendimento de que a transmissão da cultura é de responsabilidade do próprio grupo social que a produz, que é seu detentor. (GEERTZ, 2008, p. 21-30)

A atividade de roteiro aqui proposta possui como objeto de estudo o Centro Histórico de Cuiabá, compreendendo suas transformações e sua análise atual, voltando-se deste modo, para a percepção de que ele não é um espaço isolado, mas um espaço imbuído de memórias, possuidor de um hibridismo tanto nos seus traços arquitetônicos, apresentando características coloniais e ecléticas, como, nas suas representatividades culturais.

A interação do patrimônio material com o imaterial – interação que se concretiza de modo privilegiado no lugar e na paisagem – contribui para a sedimentação de uma noção mais ampla e dinâmica de patrimônio cultural, enquanto síntese dessas dimensões. Uma não faz sentido sem a outra, e uma não pode ser completamente apreendida sem a outra, embora a salvaguarda de cada uma delas demande instrumentos e abordagens distintos. (SANT'ANNA, 2011, p.197).

Compreende-se que as dimensões materiais e imateriais que envolvem o patrimônio são indissociáveis, pois as intervenções realizadas no local ocasionam reflexos na forma de sua fruição e na base social que referencia a sua apropriação civil. Os bens materiais manifestam além de sua concretude, fruto de uma cultura material, a dinamicidade de construções simbólicas contextualizadas.

Considera-se o Centro Histórico de Cuiabá como um espaço contextualizado e que possui a dinâmica da cidade. Segundo Santos, “O espaço é um sistema de valores, que se transformam permanentemente”. (SANTOS, 2008, p. 114). E ainda:

O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem. (Ibidem).

Para auxiliar na elaboração dessa atividade, utilizou-se o levantamento iconográfico, por acreditar nas suas contribuições da análise histórica das representatividades dos valores e, dos elementos que compõem a identidade cultural

cuiabana. As representações iconográficas, segundo Paiva “nos possibilita ainda, por meio de outros valores, interesses, problemáticas, técnicas e olhares, compreender, enfim, essas construções históricas”. (PAIVA, 2006. p. 13).

O roteiro “Uma rua de muitos lugares” vislumbrou realizar ações de educação patrimonial numa abordagem que considere a diversidade de estilos arquitetônicos e as simbologias dos locais visitados e a formação de novos agentes sociais, influenciadores na valorização do patrimônio de Cuiabá, a partir do envolvimento e acesso à interpretação do patrimônio.

A elaboração do roteiro contou com pesquisa em acervo bibliográfico de escritores locais, ao estudo de narrativas sobre o cotidiano cuiabano dos habitantes do Centro Histórico, informações históricas, características arquitetônicas e de levantamento de relatos de pessoas sobre suas impressões do Centro Histórico.

Esse amplo material subsidiou a realização de algumas etapas, dentre elas, cita-se: a elaboração de um texto guia do roteiro contendo a sistematização das informações pesquisadas; o levantamento fotográfico da área do roteiro; a realização de reuniões de avaliação para aperfeiçoar a forma e o conteúdo do roteiro; pesquisa sobre os locais, ressaltando a perspectiva do imaginário cuiabano; e, o levantamento bibliográfico, iconográfico e documental sobre os locais que fazem parte do roteiro e elaboração de um folder contendo as imagens e informações.

Segundo Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2006, p. 36), “A imagem que os habitantes fazem da cidade ou de fragmentos seus é fundamental para a prática da cidade”. Esse olhar direcionado ao habitante é significativo, pois, seu papel é fundamental na criação de sentidos e valores que se constroem nas práticas sociais cotidianas. O mesmo autor também define a origem do termo “habitante”:

[...] do latim habeo, possuindo o significado de “ter”, manter uma relação constante com algo; o sufixo “it” (habito) aprofunda e reitera esta relação. Hábito, habitar, portanto, expressam um grau superior e constante de apropriação. Essa relação contínua, permanente, cotidiana, demorada e que o tempo adensa, é que cria as condições mais favoráveis para a fruição do patrimônio ambiental urbano. (MENESES, 2006, p. 39).

O trabalho envolvendo o imaginário urbano não se limita a ideias de lembranças isoladas, mas de compreendê-lo como uma composição importante na compreensão das relações de sociabilidade que são construídas, pois elas contribuem para a leitura do lugar. Para Meneses o imaginário urbano é entendido como:

[...] modalidade específica do fenômeno mais amplo das representações sociais – suponho imagens estruturadas e operadas a partir de grupos sociais e práticas espaciais específicas e não simples conjuntos de imagens refugiadas nas mentes ou na consciência dos indivíduos. (MENESES, 2006, p. 36).

2 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que essa proposta de trabalho foi importante porque possibilitou uma primeira leitura sobre o Centro Histórico, leitura ao mesmo tempo despreziosa, como uma espécie de “começo de namoro”, mas que nutriu o início de levantamento e diagnóstico sobre as ações educativas realizadas no Centro Histórico. Especificamente a atividade de visita, sem distanciar do entendimento do sentido do patrimônio materializado. Segundo Françoise Choay “ a arquitetura é a única arte cujas obras exigem ser materialmente percorridas. Só ela exige visitas, percursos, desvios que implicam o investimento do corpo inteiro e que a percepção visual apenas pode substituir”. (CHOAY, 2006:201),

O roteiro permitiu a elaboração de uma proposta de trabalho voltado para as ressignificações dos espaços, aspecto fundamental no processo ensino-aprendizagem. A atividade de visita ao Centro Histórico exige um envolvimento do corpo, das sensações dos olhares, de toda uma relação subjetiva.

Ressalta-se que os produtos a partir das considerações feitas podem ser considerados como experiências educativas, pois eles fizeram parte das atividades de Educação Patrimonial desenvolvidas pelo IPHAN/MT, ultrapassaram o espaço da superintendência, foram trabalhados em algumas instituições universitárias e serviram de material para a produção de novos conhecimentos.

O olhar voltado ao Centro Histórico não se iniciou a partir de uma reflexão sistemática, mas de uma vontade de escrever sobre o que se vê e o que se esconde nos vínculos das formas de sua apropriação social e como esse caminho pode ser trilhado com a reflexão a partir das ferramentas da área da educação.

Considera-se que as etapas de observação, pesquisa bibliográfica, entrevistas e as experimentações pessoais envolvidas nos processos de elaboração e efetivação dos produtos, somados às atividades cotidianas de trabalho e, também, as de lazer, de encontrar pessoas involuntariamente, foram situações que favoreceram a realização de um diagnóstico prévio para a leitura das dinâmicas sociais do Centro Histórico e identificar o que se tem feito (e como) sobre a Educação Patrimonial. Através de observações, entrevistas e filmagens foi possível transitar pelo Centro Histórico, conhecer detalhes, histórias de alguns habitantes do lugar. Tais experiências favoreceram também a construção de um olhar crítico, investigativo sobre este bem cultural.

A proposta do roteiro almejou realizar um trabalho que propiciasse uma atmosfera de aproximação dos moradores do Centro Histórico de Cuiabá e de seus visitantes ao conhecimento, reencontro e reescrita da história de sua cidade e, que inspirasse e fomentasse a realização de outras atividades de educação patrimonial em outros espaços, pois segundo Miranda, “A finalidade da interpretação do patrimônio (natural e cultural) é produzir mudanças nos âmbitos cognitivos, afetivos e comportamentais do visitante”. (MIRANDA, 2002.p.96).

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Aníbal. **Cuiabá histórias, crônicas e lendas**. São Paulo: Yangraf, 2003.

BOTELHO, Miriam. Nas praças, uma reverência à história. **Diário de Cuiabá**. Edição nº 11216 15/05/2005. Disponível em < <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=218624>> Acesso em Dezembro de 2013.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

Cuiabá Cultura Viva. Apud. MENDES Moisés Martins Junior - **Revendo e reciclando a cultura cuiabana** - 2ª Edição - 2006 - Ed. Janina. Disponível em: <<http://www.cuiaba.mt.gov.br/secretaria?s=21&v=Cuiab%E1%20Cultura%20Viva>> Acesso em 13 de Janeiro de 2014.

Diário de Cuiabá. **Intervenção na Mandioca**. Martha Baptista. Edição nº 13126 01/10/2011. Disponível em < <http://67.210.115.11/detalhe.php?cod=400033>> Acesso em Janeiro de 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.03-21.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. CORRÊA, Elyane Lins. **Reconceituações Contemporâneas do patrimônio**. EDUFBA, 2011.

LONDRES, Maria Cecília. In ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A; 2003.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea**. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDONÇA, Rubens de. **Ruas de Cuiabá**. Editora Cinco de Março. 1969.

MIRANDA, Jorge Morales. **O processo de comunicação na interpretação**. In: MURTA. Stela Maris; ALBANO, Selma (Org). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UGMG, 2002.p.95.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **A cidade como bem cultural – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano**. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Orgs.). Patrimônio: Atualizando o debate. São Paulo, 9ª SR / IPHAN, 2006.

MÜLLER, Maria de Arruda; RODRIGUES, Dunga. **Cuiabá ao longo de 100 anos**. Editora Eletrônica. 1994.

MURTA. Stela Maris. ALBANO, Selma. **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed.UGMG; território Brasília, 2002.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Praça da Mandioca. Da redação. **Mídia News**. 08-02-2013. Disponível em < <http://midianews.com.br/conteudo.php?sid=260&cid=149488>> Acesso em Janeiro de 2014.

Prefeitura vai revitalizar calçadas do Centro Histórico. **Diário de Cuiabá**, Da assessoria. 19/03/2008. Disponível em < <http://67.210.115.11/detalhe.php?cod=312166>> Acesso em Janeiro de 2014.

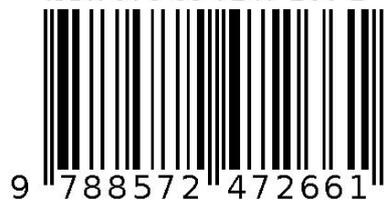
SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANT'ANA, Márcia. **Da cidade monumento à cidade documento – a trajetória da norma de preservação de áreas urbanas no Brasil**. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 1995. 1995.p. 59-70,189-225.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso**. Da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

VIANNA, Hermano. Tradição da mudança: a rede das festas populares brasileiras. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, IPHAN.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-266-1



9 788572 472661